

AMBIÊNCIA ESCOLAR E SAÚDE EMOCIONAL DOCENTE NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DA REGIÃO NOROESTE/RS

ENTORNO ESCOLAR Y SALUD EMOCIONAL DEL PROFESOR EN LA RED PÚBLICA DEL ESTADO DE ESCUELAS SECUNDARIAS DE LA REGIÓN NOROESTE/RS

Margaret Mocelini 1
Jordana Wruck Timm 2

Resumo: Objetiva-se pesquisar sobre a saúde docente e a ambiência escolar no contexto da rede pública estadual, a nível de Ensino Médio, na região Noroeste do Rio Grande do Sul, a partir do sentimento de valorização do trabalho docente perante o governo, sociedade, alunos, colegas de profissão e chefia da escola. Participaram do estudo, professores que lecionam na referida região e nível de ensino. A participação dos professores foi por meio de preenchimento de questionário, enviado eletronicamente, cujos dados foram analisados pelo viés da Análise Textual Discursiva. Concluiu-se que o sentimento de maior valorização ocorre perante os pares/colegas de profissão e a chefia; e maior desvalorização é percebida perante o governo. Ressalta-se que o referido cenário precisa ser compreendido dentro do momento histórico pelo qual o Estado e o País estão passando e frente ao contexto que tem exigido dos profissionais uma postura de reinvenção e resistência.

Palavras-chave: Docência. Educação. Ensino Médio. Saúde emocional. Escola pública.

Resumen: El objetivo es investigar sobre la salud docente y el ambiente escolar en el contexto de la red pública del Estado, a nivel de las escuelas secundarias, en la región Noroeste de Rio Grande do Sul, a partir del sentimiento de apreciación de la labor docente ante el gobierno, sociedad, estudiantes, colegas de profesión y junta escolar. En el estudio participaron profesores que enseñan en esa región y nivel de educación. La participación de los docentes fue mediante la cumplimentación de un cuestionario, enviado electrónicamente, cuyos datos fueron analizados mediante el sesgo de Análisis Textual Discursivo. Se concluyó que el sentimiento de mayor aprecio se da ante los compañeros/colegas de profesión y la junta escolar; y se percibe una mayor devaluación ante el gobierno. Se enfatiza que el escenario referido debe entenderse dentro del momento histórico que atraviesan el Estado y el País y afrontar el contexto que ha demandado de los profesionales una postura de reinención y resistencia.

Palabras claves: Docencia. Educación. Escuela secundaria. Salud emocional. Escuela pública.

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6072825189787547> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7049-4558>. E-mail: mocelinim@gmail.com

Doutora em Educação (PUCRS). Bolsista de pesquisa pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado PNPd/CAPES/MEC e Professora colaboradora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (URI/FW). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2321130536522951>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4445-1909>. E-mail: jordanawruck@hotmail.com

Palavras iniciais

O presente texto tem por objetivos, pesquisar sobre a saúde docente e a ambiência escolar; descrever sobre o processo saúde-adoecimento no contexto da rede pública estadual, a nível de Ensino Médio, na região Noroeste do Rio Grande do Sul; e, investigar as possíveis influências na saúde docente relacionadas ao governo, a sociedade, aos alunos, aos colegas de profissão e a chefia da escola no referido contexto.

O interesse em pesquisar sobre a saúde docente ocorre, pois, progressivamente se polemizam temas voltados à saúde do professor, tal como já defendiam Timm, Stobäus e Mosquera (2014), especialmente daqueles que lecionam na educação básica e na rede pública de ensino.

Percurso metodológico

Para este estudo, foram convidados vinte e cinco (25) professores, que atuam na rede pública estadual de ensino médio de uma determinada coordenadoria situada na região noroeste do RS. A referida região, na ocasião da coleta de dados, possuía vinte e cinco escolas ativas de ensino regular e duas indígenas. Foram convidados um professor de cada escola regular para participar, dos quais obtivemos o retorno de dezessete docentes.

A participação compreendia o preenchimento de um questionário enviado eletronicamente. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e todos os questionários foram precedidos de autorização da gestão e do consentimento (TCLE) dos participantes. A análise dos dados foi realizada a partir da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016).

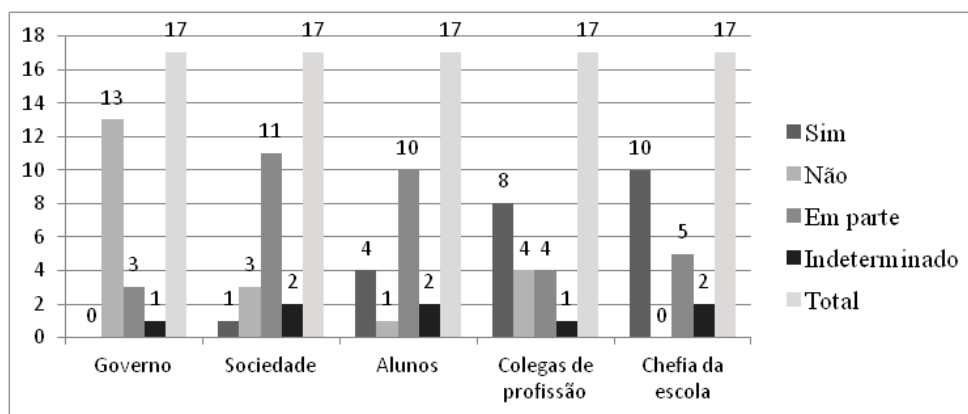
Convém destacar que se trata de um recorte de uma pesquisa de maior amplitude. O questionário, originalmente composto por vinte e quatro questões, tinha entre elas uma questão relacionada a valorização do trabalho e como cada participante se sentia valorizado frente ao governo, sociedade, alunos, colegas de profissão e chefia da escola.

Resultados: discussão e fundamentação teórica

Convém destacar que o grupo de participantes é heterogêneo na maioria das respostas obtidas. Considerando a idade dos indivíduos, uma variável de 40 a 60 anos de idade. Quanto ao sexo temos 83% (oitenta e três por cento) feminino e 17% (dezessete por cento masculino). Seguindo do estado civil, contabilizando um total de 12 (doze) voluntários casados, 03 (três) com união estável e 02 (dois) divorciados.

Sobre a valorização do trabalho, solicitamos apontamentos diante de cinco contextos, no sentido de vislumbrar como é percebida a valorização do trabalho perante o governo, a sociedade, os alunos, os colegas de profissão e a chefia da escola (para uma visão macro das respostas, nos repostamos ao Gráfico 1). Consideramos este questionamento, sendo um caminho próximo do/a docente, perante o sentimento/emoção, frente alguns âmbitos da sociedade.

Gráfico 1. Valorização do trabalho



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

O Governo

Quanto ao grau de satisfação sentida em relação ao governo, frente o trabalho do professor, foi a maior parte com sentimento de “não” valorização. Inicialmente, analisamos a escrita discorrida pelos sentimentos/emoções perante a valorização profissional, de como reflete na sua subjetividade, frente aos olhos do professor ao seu governo. Verificamos que o sentimento maior por todos, na escrita, foi referente ao valor salarial.

Nestas queixas, analisamos também o descontentamento quanto à cobrança da redução de aulas. Para fechar as horas de trabalho exigiu-se muitas turmas, –turmas estas, com muitos alunos–, tornando o trabalho desumano para qualquer profissional, segundo palavras de alguns dos entrevistados, além da queixa da baixa remuneração salarial. Acompanhamos como escreveu o **Prof. 01** “Baixo salário, poucas aulas na grade curricular por turma e diversas turmas. Exemplo, para 40 horas tenho 26 turmas. Considero desumano”. Para o **Prof. 12** “Pela importância do papel da Educação na vida das pessoas, o nosso trabalho é pouco valorizado e a remuneração é humilhante”.

Por este viés, ao desmembrar as escritas, verificamos uma lamentação frente ao quadro alarmante do sentimento de descuido e descaso com o profissional de educação. Este cenário se estende há mais tempo, já que não é de hoje que a educação pública no Rio Grande do Sul está enfrentando rupturas e cobranças, que estão exigindo esforço além da função habitual de cada docente. Vejamos a escrita:

Prof. 05 “Trabalho há 29 anos no Estado do RS, nunca estivemos tão desvalorizados quanto estamos agora no atual governo estadual e também no governo anterior a este. Uma calamidade! Infelizmente eu sinto que a nossa profissão está um caos. Professores desmotivados, depressivos, doentes. Alunos que não querem nada com nada, falta de respeito...”.

Verificamos nas escritas, um apontamento, de fazer uso da meritocracia. Consideramos um início reflexivo de mudança frente a este quadro, advinda da seguinte escrita:

Prof. 16 “Não é valorizado e isso não se deve apenas ao salário, mas ao reconhecimento. Dar aula com o coração na mão ou apenas cumprir horário numa sala de aula resultam sempre na mesma coisa – o bom e o preguiçoso tem o mesmo valor. Valorização implica reconhecimento e remuneração, talvez seja a hora da meritocracia”.

Consideramos analisar que a afirmação acima, deste sujeito, deixa transparente que o quadro vem a tempo sendo prejudicado. Diante disso, nos perguntamos: Será culpa do governo? Será culpa de um sistema educacional construído com falhas? Será culpa dos docentes que se acomodaram? Será culpa de uma sociedade que abandonou seus filhos para a escola educar? Será uma comunidade que se perdeu dos valores humanos? Será culpa de um ensino conteudista? Enfim, necessitamos focar no processo que levou a este patamar e deixarmos de apontar “culpados e inocentes” e juntos buscarmos alternativas para melhorar este quadro.

Para Pinheiro (2014, p. 29), “Com as transformações ocorridas ao longo da história do capitalismo a escola vem se transformando [...], a qualidade de ensino passou a ser avaliada pelos seus altos índices de produtividade”. Isto exigiu enxugamento profissional e corte nos gastos, o que significou aumento de alunos na sala de aula, aumentando também o trabalho do professor, vindo ao encontro de prejudicar negativamente seu trabalho e sua qualidade de vida.

Considerando o conceito de qualidade de vida, citado segundo Fleck (2000, p. 179), “A

percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Para o **Prof. 01** “Baixo salário, poucas aulas na grade curricular por turma e diversas turmas. Exemplo para 40 horas tenho 26 turmas. Considero desumano”. O **Prof. 03** “Nestes 21 anos de carreira, poucas vezes o meu trabalho foi valorizado, pois vivenciei uma história de lutas pela qualidade e investimentos em educação e nos profissionais que nela atuam”.

Segundo a LDB (BRASIL, 1996), a Educação Básica tem caráter obrigatório. Ou seja, é dever dos pais ou responsáveis que as crianças e adolescentes concluam a educação básica, assim como é dever do Estado oferecer essa educação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), em seu Art. 2º, determina a educação como dever da família e do estado. Inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No inciso VII desse artigo, estabelece como princípio a valorização do profissional da educação escolar. (RIBEIRO, 2014, p. 68)

A definição do que venha a ser a valorização desse profissional, a qual preza pela garantia de condições concretas em termos materiais, financeiros, administrativos e pedagógicos, além de fatores e elementos que possibilitem caracterizar valores éticos, políticos, morais, humanos e sociais, para que exista real efetivação, com efeitos explícitos nas reais condições de trabalho. A LDB, em seu Artigo 67 (BRASIL, 1996), detalha (e almeja) que os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive, nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público.

Por conseguinte, o plano de carreira do magistério público está sendo alterado, com este documento norteador do sistema educacional de ensino e a atual medida tomada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, percebemos que na escrita do **Prof. 04**, “Infelizmente, sinto que nosso trabalho de docência não está sendo valorizado pelo governo, um exemplo disso são as mudanças em nosso plano de carreira”, fazem-se verdadeiras. Para o **Prof. 05**, “Trabalho há 29 anos no Estado do RS, nunca estivemos tão desvalorizados quanto estamos agora nesse governo e o governo anterior. Uma calamidade!”. Percebemos novamente que a história da desvalorização profissional se estende entre governos.

Com a atuação intensa de associações e sindicatos, com os movimentos do professorado em muitos estados e municípios, com as discussões nas mídias, com o impacto de alguns estudos sobre a matéria, a questão salarial e de carreira dos professores de educação básica entrou na pauta política, [...], não havendo possibilidade de melhoria substantiva – como necessário – na remuneração dos docentes da educação básica, sem um aumento significativo nas verbas destinadas à educação escolar e sem uma articulação mais adequada entre a União, os estados e os municípios. (GATTI; BARRETTO; ANDRÈ, 2011, p. 175).

Observamos nesta colocação, que para os governos também está sendo um impasse, pois, não depende somente de suas promessas de campanha, vai além de seus discursos. Segundo Gatti, Barretto e André (2011, p. 175), “desde meados dos anos de 1990 que é a necessidade da valorização dos professores, já posta na lei de criação do Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) e recolocada

na lei do Fundeb”. Não resta hesitação que “o país não pode mais postergar o aumento de seus investimentos nos sistemas de educação pública e na melhoria das condições de trabalho, de carreira e de remuneração de seus professores” (GATTI; BARRETTO; ANDRÉ, 2011, p. 175).

Portanto, a posição de desvalorização dos professores não se encontra como um fenômeno específico do Rio Grande do Sul, ele está sendo pautado em todo o Brasil. Lamentavelmente, os modelos capitalistas de desenvolvimento não privilegiam essencialidades humanas, dentre elas, a função social dos educadores. Para o **Prof. 08** “Infelizmente não há valorização, incentivo, apoio, vejo cobranças, metas a serem cumpridas, desrespeito, pressão e falta empatia”, descrevendo o cenário atual.

Segundo Costa (2016, p. 17), “se tem produzido uma formação discursiva de sistema educacional operando e articulando-se no jogo de negociações democrático/neoliberais, que não necessariamente se sobrepõem, mas, imbricam-se, confluem-se”. Podemos considerar neste sistema de políticas educacionais, um cenário em que o movimento se faz com pretensão de uma lógica no mercado, fortalecendo os desejos neoliberais e circulando estas, como discursos democráticos e participativos, camuflado de linguagem ideológica.

Para o **Prof. 09**, “Não percebo que nosso trabalho seja importante para o governo”, trazendo em forma de desabafo, várias interpretações, se formos considerar, que podem se justificar com seu par, quando em manifestação escrita do **Prof. 10**, “Todos os anos sempre participei de cursos, seminários, palestras entre outros, dediquei horas planejando, corrigindo provas e trabalhos e como profissional sinto que estamos muito aquém do que deveríamos receber, para nos sentirmos valorizados”. Observamos aqui o sentimento/emoção, emitida com profundidade, da tamanha desvalorização frente a identidade do professor, manifestando sua dor profissional pelo desleixo e descaso frente a estas políticas de governo enfrentadas nos últimos tempos.

Compreendemos que a classe docente enfrentando a mesma dificuldade, que é a falta de remuneração condizente ao trabalho desempenhado pela categoria do magistério público estadual no RS, é uma situação que se estende há muito tempo e nas muitas trocas de governo. Consideramos também o quanto “aos olhos do governo”, esse quadro significa em seu mandato, já que a cada troca de governo, troca-se tudo o que havia sendo feito anteriormente. Compreendemos que as pessoas envolvidas, junto aos governos, independente do partido, sempre iniciam novamente, como se aquilo estudado anteriormente fosse restrito a outro grupo de profissionais e, sentimos isto, como um ponto negativo na educação, já que, ao invés de avançar, a cada troca de Governo parece que o trabalho volta a “estaca zero”.

A sociedade

Referindo-nos a sociedade, verificamos que a partir das respostas emergiram diferentes conceitos, prevalecendo maior manifestação a sentirem-se valorizados em parte com 68% (11 sujeitos). 19% (03 sujeitos), manifestaram *não valorização*. Já 7% consideramos *indeterminada a resposta* e 6% consideram que seu trabalho ainda é valorizado pela sociedade.

Os professores expressam que, anteriormente, a sociedade valorizava muito mais seu trabalho, **Prof. 10** “Já senti muitas vezes no passado, mas atualmente, sinceramente, Não”. Hoje, devido a muitos fatores, inclusive às propagandas criadas pelo governo, como escreve:

Prof. 16 “Houve uma campanha pejorativa nas mídias há alguns anos que convenceu a sociedade que o professor é um cuidador dos filhos dos trabalhadores (como se nós não fôssemos trabalhadores), um profissional sempre desconte, pedinte (chora miséria pra cada governo que entra) e vadio (faz greve pra não ter que trabalhar)”.

Reforçam como se o papel do professor não teria mais a real importância, passando para a mera função de cuidador. Entendemos aqui que o estudo da carreira profissional não

tem importância para uma significativa parcela da sociedade, a qual considera que a docência é atribuída para alguém reparar por seus filhos enquanto trabalham, como escreve o **Prof. 08**:

Muito relativo, quando é conveniente para a sociedade, tudo está bem... mas vejo pouco ou nenhuma valorização, por parte de muitos, uma triste realidade, mais ou menos assim, "ah, tem que cuidar das crianças e deixam elas bem, isso é o papel do Estado, dos profissionais da educação - são pagos para isso, se virem, estudaram para quê?

Em alguns momentos sentem-se invadidos, pois os pais chegam determinando como devem agir no seu fazer pedagógico. Nesse sentido, pondera o **Prof. 14** "Alguns momentos, não acho certo qualquer um querer meter o bedelho na sala de aula e achar que podem sair falando de coisas que não sabem". Percebem que realmente a sociedade já teve respeito maior por esta profissão e que passaram a função de educar, além de ensinar. Já o **Prof. 17**, afirma "Porque julgam a profissão do professor como qualquer outra. É obrigação ensinar e educar o filho da sociedade".

Outros ainda tentam se firmar, dizendo que não se importam com o comportamento da sociedade, não esperam elogios, fazem sua parte e acabou, como registrou a escrita do **Prof. 07**: "Por isso acredito que, em primeiro lugar, devo eu mesma valorizar e gostar do que faço sem esperar elogios de ninguém". Percebemos aqui um sentimento de individualidade profissional. Também se manifestaram que a desvalorização por parte da sociedade seria um reflexo do próprio sistema, frente a escola pública. Assim, diz o **Prof. 09** "A sociedade valoriza pouco a educação no momento, talvez seja um reflexo da pouca valorização que os governos dão a Escola pública".

Por fim, gostaríamos de considerar que a maior parte dos sujeitos estão se sentindo desvalorizados pela sociedade. Analisamos uma escrita que julgamos ser pertinente a reflexão, quando escreve o **Prof. 03** "De certo modo sim, pois sempre procurei revolucionar os espaços por onde passei e a sociedade, em parte, valoriza quem se desafia a produzir novos resultados". Assim, nos questionamos: estão as escolas emancipando o aluno na sua formação integral? Como a sociedade se movimenta frente ao século XXI condiz com o movimento da educação pública oferecida?

Pinheiro (2014) sinaliza, nas palavras de Esteve (1999), que o mal-estar docente pode estar relacionado às exigências impostas a este profissional. A sociedade exige do professor um esforço sobre-humano, ao responsabilizá-los por demandas e acontecimentos que não os cabe, e sem dar as mínimas condições de que as menores demandas sejam resolvidas. E, como consequência, percebemos que, na medida em que o professor vai adoecendo, toda a comunidade escolar perde, a escola adocece. Ou seja, a própria sociedade, muitas vezes, acaba desconsiderando a função do professor, que é visto como um cuidador de crianças enquanto seus pais trabalham.

[...], o trabalho docente tem sido associado à vocação, idealismo e solidariedade, minimizando seu exercício, como se o objetivo pela escolha da profissão fosse o bem social emergente da formação e educação das pessoas, não importando os recursos econômicos, advindos de seu trabalho. Obviamente, que o bem social advindo da formação e educação das pessoas tem muita relevância, aliás, é promotor de orgulho pela profissão que exerce, no entanto, nenhuma pessoa consegue sustento apenas por orgulho, professores não são diferentes e precisam organizar-se economicamente para que possam se manter. (PAULA 2007, apud TIMM; STOBÁUS E MOSQUERA, 2014, p. 229)

Percebemos que a desvalorização profissional é um dos motivos mais profundos que afetam a vida do professor, pois, profissionalmente comprometido com sua função em desempenhar com gosto o seu papel, não tem reconhecimento financeiro, falta tempo para preparo de aulas, tem excesso de trabalho, encontra falta de material e formações para seu preparo pedagógico e, também, falta reconhecimento social. Conforme descreve o **Prof. 09**, “A sociedade valoriza pouco a educação no momento, talvez seja um reflexo da pouca valorização que os governos dão a Escola pública”.

Nesse contexto, a literatura aponta quadros de baixa estima e adoecimento relacionados à profissão (CARLOTTO, 2010). Um profissional afetado emocionalmente, pode apresentar estresse, esgotamento, mal-estar docente, como escreve o **Prof. 10**: “Já senti muitas vezes no passado, mas atualmente, sinceramente, Não”. Apontamos o quanto, nesta escrita, existe um desabafo. Representa um mal-estar, falta de contentamento pelo julgamento de uma emoção sentida frente a sociedade, perante seu esforço profissional.

Portanto ao referir-se à valorização da sociedade, a maioria apontou sentir-se pouco valorizado frente ao trabalho e esforço desempenhado perante sua função local social diante de seus partícipes. Que a muito, vem sentindo este descaso por parte do meio que atuam, sentindo-se frustrados e descompensados muitas vezes, pois, por mais que se esforçam não sentem a contribuição merecida por este setor, a sociedade. Fica a pergunta: Porque a sociedade está respondendo desta forma? Como percebem a identidade do professor hoje? Será que o próprio professor está deixando a desejar profissionalmente? Busca se aperfeiçoar para acompanhar seus alunos? Qual é a postura do “profissional docente” fora da escola?

Os alunos

No quesito alunos, buscamos a escrita de como o/a professor/a, percebe o aluno, perante a sua função profissional, neste momento da história. Dentre as escritas, 14 (catorze) sujeitos, isto é, 62% das respostas, sentem-se valorizados em parte, pelos seus alunos, 25% acreditam serem valorizados, ficando insignificante a não valorização. Consideramos que um professor deixou a resposta indeterminada. Consideramos duas categorias emergentes distintas, uma delas representada por alunos desinteressados e a outra por alunos que valorizam o trabalho docente.

Alguns desabafam em suas escritas, percebem seus alunos desinteressados, desorganizados e que não se envolvem profundamente com o conhecimento. **Prof. 01** “Falta de respeito, não demonstram interesse, faltam aulas, deixam de trazer materiais solicitados”. Esta categoria de discentes desperta outros interesses, argumenta o **Prof. 03**:

“Sinto que meu trabalho é bem mais valorizado pelos ‘ex-bons-alunos’ do que pelos atuais. Isto se deve, bem provavelmente pelo fato de trabalhar com formas de pensamento voltadas para a reflexão e neste sentido, a geração que aí está, tem certo repúdio ao ‘fazer pensar’”.

Argumentam observar no aluno o descaso sentido em relação à sociedade:

Prof. 04 “Nossos alunos refletem a nossa sociedade, portanto, alguns até valorizam um pouco mais. Mas o que sinto na sala de aula é que muitas vezes, com perdão da expressão, estamos “falando com as paredes”, ou, “entra em um ouvido e sai pelo outro”, e, em alguns momentos, parece que não falamos a sua língua. Dá a sensação de que eles não têm perspectiva de vida, ou que, estudar não faz sentido”.

Observamos neste escrito, que se manifestam falhas em algum ponto, nas relações professor/aluno, **Prof. 14** “Na maior parte do tempo, mas eles já olham para o professor como um coitado, que vive à mercê de um governo”. Por vezes, o próprio professor se observa dessa forma e julga ser seu aluno o julgador.

Verificamos ao analisar, que os alunos não desejam mais a forma de como esta sendo conduzido o processo de conhecimento/aprendizagem. O professor, por estar “na ponta” deste processo, e assim compreender que faz o melhor com aquilo que é ofertado na escola, também se sente desamparado pelo aluno. Fica uma reflexão: Está o aluno desmotivado, sem sonhos e/ou estamos nós professores precisando buscar novas formas de interagir com o conhecimento frente a esta geração de discentes?

A segunda categoria emergente aqui, demonstra que seus alunos valorizam em parte seu trabalho, **Prof. 11** “Sim. Pois eles, os alunos em sua maioria demonstram interesse e manifestam uma empatia”. Consideram reconhecidos pelo esforço e dedicação, pois, como registra o **Prof. 12** “Sinto. Amo meu trabalho e fico feliz quando sou reconhecida e lembrada por alunos de anos passados”.

Prof. 13 “Em certa parte, sim. Vivemos em uma sociedade que os interesses são muito distintos, em uma sala de aula tem aqueles alunos que tem “gana” em aprender (este sabe valorizar o teu trabalho), assim como tem alunos que estão ali porque são obrigados (a tua presença é indiferente)”.

Verificamos que existem diferentes interesses entre os discentes também. Uma grande parte reconhece, e este reconhecimento surge do desejo que o aluno tem em estar na aula com seu professor, discutindo seus interesses, tendo gana de aprender. Nesse sentido, outra curiosidade surgiu a partir da seguinte escrita:

Prof. 17 “Muitos estão percebendo a importância da conclusão do ensino médio para conseguir se estabelecer profissionalmente através de concurso ou ter maior conhecimento que seu concorrente no mercado de trabalho”.

Estaria o trabalho escolar caminhando junto com os interesses dos alunos e voltados para a preparação do discente para agir/atuar no mercado de trabalho da comunidade? O conteúdo ofertado/aprendizagem condiz com o preparo ao mercado de trabalho? Enfim, muitas questões surgiram frente a estas escritas. Algumas que nos remeteram a realizar todo um “raio X” da maneira como agimos e que podem ser respostas ao desinteresse demonstrado pelos alunos. Estamos analisando se as nossas escolas oferecem condições para emancipar frente às tecnologias exigidas neste momento da história? Estaremos, como escola, enraizados no século passado e, por isso, permeados com tantos conflitos nas relações?

As mudanças na esfera das condições de trabalho do professor têm despertado preocupações em estudiosos, segundo Macêdo (2014, p. 10), “especialmente o que diz respeito à saúde desse profissional como aspecto fundamental para a qualidade da educação”. Entre essas adversidades vivenciadas pelo professor, na escola, destacam-se situações variadas, podendo ser de comportamento de alunos, caracterizados pela desmotivação e indiferença, pela rotina de trabalho ou pela exigência à produtividade.

Como podemos constatar na escrita do **Prof. 04**:

Nossos alunos refletem a nossa sociedade, portanto, alguns até valorizam um pouco mais. Mas o que sinto na sala de

aula é que muitas vezes, com perdão da expressão, estamos “falando com as paredes”, ou, “entra em um ouvido e sai pelo outro”, e, em alguns momentos, parece que não falamos a sua língua. Dá a sensação de que eles não têm perspectiva de vida, ou que, estudar não faz sentido.

De acordo com Zambon (2014, p. 35) “se o professor não acredita no seu trabalho ou não gosta de ensinar, o aluno percebe esta atitude, podendo diminuir o seu próprio envolvimento no processo de ensino e aprendizagem”. Estar envolvido positivamente no ambiente escolar de trabalho também refletirá na saúde profissional afetando a relação professor/aluno motivado.

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las e, o docente por estar desmotivado, muitas vezes não consegue dar conta dessa demanda, permanecendo impotente e frustrado, afetando sua qualidade de vida social, julgado como incapaz perante a sociedade.

Os colegas de profissão

Ao fazermos a análise pelo viés dos pares, dos colegas de profissão, buscamos considerar a pessoa do professor. Como se consideram frente à valorização pelos seus “pares”? Encontram-se caminhando em uma mesma direção? Qual é a valorização sentida pelo “outro” perante convívio e no desenvolvimento profissional. Pontuamos que praticamente metade dos participantes considerou ser “valorizado em parte” pelo seu colega de profissão, representado em 47%, isto é, oito sujeitos. Destes, 23% não se sentem valorizados perante seus colegas e 23% ficou como resposta “sim”, considerando-se valorizados e 7% apresentaram resposta indeterminada.

Observamos suas colocações perante seus sentimentos/emoções, sua subjetividade frente à convivência diária, em relação ao sentimento de pertencimento entre os “pares”, ou seja, os colegas de profissão. Verificamos que as categorias emergentes nessa questão, se subdividem em quatro vertentes (cujas respostas soam positivamente, negativamente, em partes e indeterminado). A primeira delas, ao considerar com sentimento de valorização, escrevem sobre: despertar boas parcerias, tendo reconhecimento, ajuda mútua, responsabilidade pelo bem-estar da escola em si, discutem ideias frente a estes tempos difíceis e fazem bons relacionamentos, despertando o sentimento de acolhimento e respeito pelos colegas:

Prof. 04 “Quanto aos colegas de profissão, sinto que estes valorizam meu trabalho, temos uma parceria bem legal, nos ajudamos, da minha área mais ainda, sou coordenadora da área de linguagens e sinto muita parceria ao realizarmos nosso planejamento, planejarmos avaliações, recuperações, elaborarmos algum projeto, etc. É claro que sempre tem aquele ou aquela que deixa a desejar, não contribui e acaba ficando fora do processo”.

Prof. 13 “Principalmente pelos colegas da mesma área. Gosto muito de ajudar e mostrar o que sei, então a procura por troca de ideias é constante. Além disso, a admiração pela equipe diretiva é muito grande”.

Prof. 14 “Sim, gosto do meu grupo de colegas e discutir com eles e dá apoio”.

A segunda vertente de outro grupo que escreve sobre a disputa entre os colegas. Cada um quer ser melhor do que o outro, como elenca nesta escrita:

Prof. 05 “É um toma lá dá cá... Um querendo puxar o tapete do outro. Cada qual quer se sair melhor que o outro. Eu sinto que há tanta carga negativa que na maioria das vezes, chego em casa, praticamente doente, sem forças, com enxaqueca, náuseas...sobrecarregada! A vontade é largar tudo.... Mas aí a gente pensa, analisa...bhá! A minha vida toda só fiz isso! O que vou fazer agora? Então respira fundo, e segue em frente. Nada como um dia após o outro”.

Ainda, analisamos neste patamar, os que manifestam desvalorização entre as disciplinas, por seus pares. Por exemplo, a errônea ideia de que Ed. Artística tem valor menor do que Matemática desconhecendo que ambas têm pesos iguais. **Prof. 01** “Muitos desconhecem o valor da aula de Artes e falam constantemente que o professor de Artes não se incomoda, não tem muitos trabalhos, não é difícil”. Desvalorizam verbalmente o colega, ofendendo seu fazer pedagógico como sem importância, comparada à outra disciplina.

Ainda, desconsideram o colega quando este apresenta um bom relacionamento com o aluno. **Prof. 02** “A maioria sim, mas como relatei, temos vários acomodados em várias escolas e as vezes a gente incomoda por querer ser diferente fazer diferente, se relacionar com alunos buscando entender aonde vivem, como vivem”. Verificamos nesta escrita o entusiasmo do professor em relacionar-se com seu aluno a partir, também, de forma não cognitiva. Isto desencadeia laços nas relações de acolhimento, pertencimento e flui uma relação de respeito e parceria.

Uma terceira vertente, analisada nas escritas, se considera em parte valorizada, como verificamos:

Prof. 08 “Infelizmente, poucos colegas valorizam ou aplaudem o sucesso do colega, ou o nosso sucesso, é mais fácil apontar o dedo e criticar, falar pelas costas. Existe uma rivalidade incutida e obscura, falta a empatia e o desejo de prosperar, não existe o entusiasmo por parte de muitos em ver se algo deu ou não certo. Enquanto educadores, precisamos evoluir muito, usar da humildade e aprender com os outros, aplicar o que deu certo e ter a esperança que vira novas propostas e melhorias, enquanto valorização”.

Analisamos, neste registro, a falta de coleguismo entre os pares. Os docentes encontram-se como rivais de profissão e não caminham na mesma direção. Enquanto não compreendermos que devemos construir uma base sólida, com palavras e ações precisas, um voltando-se ao outro com empatia, resiliência e companheirismo. Fazer valer o trabalho em equipe com humildade aprendendo uns com os outros, a educação não brota com esperança de melhorias.

Alguns sujeitos, não se posicionaram, dando respostas pessoais, as quais, consideramos indeterminadas. **Prof. 07** “É como escrevi anteriormente, estamos vivenciando uma época de muitas cobranças e pouco tempo para agradecer”. Não se referiram, ao seu sentimento de relações, ofertando a resposta frente ao sistema e não em relação às relações entre os professores. Já o **Prof. 03** “Já fui muito admirado e valorizado, mas na atual conjuntura, talvez pelo individualismo crescente, não vejo valorização por parte dos colegas, com raras exceções”. Percebemos que ficou observando a si mesmo e não a relação de equipe.

Para Mosé (2013, p. 22), “Nunca fomos tão incapazes de conviver, tão incapazes de seguir um acordo, tão incapazes de viver”. Uma nova fase se abriu, com as tecnologias. Segundo Pérez Gómez (2015, p. 14), “Vivemos na aldeia global e na era da informação”, revolução

da informação, pode-se chamar de escravidão moderna, pois, para Mosé (2013, p. 23), “as inovações tecnológicas colocaram em questão a estabilidade do mundo”. Percebo, nesse sentido, que as pessoas estão vivendo de forma cada vez mais irrelevante e imediatista, tentando acabar com aquilo que não se consegue transformar.

Esteve (2003) defende que o trabalho docente é afetado pelas contínuas mudanças sociais, caracterizando-o como uma profissão em contínua evolução. E, nesse interim, Timm (2018, p. 99) esclarece que “Essas mudanças podem gerar uma crise de identidade, já que as mesmas afetam a aspectos considerados substanciais para compreender a profissão”. Para Pérez Gómez (2015, p. 15) “as confluências de mudanças tão significativas e radicais estão moldando o novo metacontexto que modifica as instituições”. A era da globalização exige mudança em todas as estruturas de poder, pois mudou radicalmente a maneira de viver, de comunicar e de trabalhar, conforme descreve o **Prof. 08**.

Avaliamos nesta escrita o quanto a condição do professor está afetada. Os próprios pares, estão descaracterizados profissionalmente quando deixam de respeitar o colega de profissão. A valorização profissional começa pelo próprio profissional, quando se torna especialista na efetividade da aprendizagem e não na “ensinagem”. Exige uma postura profissional para ser respeitado, e ao denegrir o colega de profissão está afetando a si mesmo, a sua própria identidade professoral, como cita o **Prof. 05**: “É um toma lá, dá cá...”.

O docente deixa claro, na sua escrita, a importância de seu profissionalismo, que é focar nos objetivos, nas estratégias, traçar metas para atingir o foco. Trabalhar com a verdade profissional, observando o que deu certo e o que precisa ser melhorado. Este deveria ser o papel do professor, de um trabalho consistente com humildade e não de focar no colega e apontar ao outro, o papel que lhe cabe que seria verificar a aprendizagem do seu alunado. Aposta em uma melhora no grupo como um todo, conserva a esperança de uma melhora entre os profissionais de educação.

Podemos discutir aqui com a ideia de Perrenoud (1999, p. 20), o qual elenca que as perspectivas se relacionam com a do “seu patrimônio genético, de construir competências”. Os sujeitos, para esse autor, possuem “competências efetivas por meio de aprendizados, que não intervêm espontaneamente”, vem junto com a formação do sistema nervoso e aquisições de aprendizados construídos. Entendo, nesse sentido, a importância de abordar influências da formação, pois, neste caso, a competência se torna aquisição de aprendizados construídos, que vem afetando muitos dos profissionais de educação.

Para o **Prof. 09** “Alguns professores estão completamente desacreditados do trabalho na Educação Pública”. Segundo o **Prof. 06** “Existe muita concorrência entre os mesmos”. Verificamos que concordam com as pesquisas dos autores citados anteriormente, modificando suas concepções de identidade e tomando como uma verdade a partir das emoções sentidas, no descaso de esforço na sua própria identidade profissional, pois, deixou-se de buscar formações, e acaba por acomodar-se no *hábitus*. O “mundo” está mais acelerado, e por não acompanhamento, oportunizam-se queixas e reclamações até entre seus pares, ao invés de organização e pró-atividade profissional.

A chefia da escola

Discorrendo sobre a última vertente proposta relacionada a ambiência escolar, consideramos uma vista sobre os sentimentos/emoções de valorização apontados perante a gestão da escola. Dos participantes da pesquisa, 59%, isto é, 10 professores se consideraram valorizados. Já 29% acreditam ser pouco valorizados pela equipe e 12% consideramos resposta indeterminada frente à pergunta.

Verificamos três comportamentos distintos nas respostas. Um primeiro grupo, sendo a maioria, considerou ser valorizado pela equipe. Analisamos as escritas dos seguintes: **Prof. 10** “A equipe nos apoia, nos ouve e nos auxilia na medida do possível”. **Prof. 11** “Sim, pois dialogam comigo”. **Prof. 12** “Sim. Pela seriedade e planejamento”. Apesar de toda a demanda exigida para com os diretores, alguns ainda valorizam o trabalho do docente e se reconhecem como colegas de profissão.

Ainda, consideram importante, a questão do relacionamento, destacado na escrita do **Prof. 16** “Sim, nossa relação é permeada pela confiança, uma confiança construída durante os 20 anos em que trabalhamos juntos”. Verificamos a importância dos laços, do caminhar junto, do sentir-se pertencente a uma equipe e ser reconhecido pela chefia da escola.

Prof. 04 “Muito, graças a Deus. E não estou falando pelo fato da pergunta estar voltada para a direção da escola, mas falando o que sinto, sendo que em várias situações nos motivam a fazer melhor e diferente, procurando dar o melhor de mim, embora com pouca motivação externa”.

Neste relato, uma crítica é apontada: “pouca motivação externa”. Seria esta entre seus pares? Seria esta frente ao sistema educacional? Seria para a sociedade e alunos? Ou seriam ambas as citadas? Deixando indeterminada esta resposta.

As escritas que consideramos referente às respostas em parte, são registros quanto ao sentimento/emoção, da maneira que se posicionaram frente aos gestores na condução do trabalho, pois escreveram da seguinte maneira:

Prof. 03 “Já senti valorização por parte da chefia, mas de uns tempos para cá a educação tomou rumos bastante difíceis. As chefias perderam o foco da valorização porque a burocracia exigida pelo sistema educacional está gerando um estresse emocional destruidor dos bons líderes”.

Prof. 08 “Muita pouca valorização, incentivo, alguns sempre tem privilégios, a mudança traz incomodo e não é pertinente. Não existe mais o brilho no olhar do gestor, talvez o sistema e as cobranças externas são mais ardentes e necessários.... Não sei.... O gestor que não olha o pedagógico como o bem mais precioso da escola, já é um sinal de falência e fraqueza, assim como, a modalidade de educação especial, tão necessária, porém, frágil nas escolas”.

Verificamos, a partir desses recortes relacionados à ação do gestor, uma manifestação frente à burocracia que chega às escolas com o sistema educacional, fazendo com que o tempo do gestor também se torne escasso. Ocorre, para esse profissional, momentos em que precisa fazer uma opção entre dar conta de toda a demanda exigida ou atender com integralidade a sua equipe. Nesse sentido, alguns docentes se sentem desamparados pelos gestores, como escreve o **Prof. 06** “Poucos Diretores valorizam o trabalho do professor, apenas encaram como um cumprimento de tarefas”.

Por fim, consideramos indeterminadas, as respostas que não se direcionaram a equipe diretiva, manifestando a escrita na subjetividade profissional. **Prof. 02** “Acredito que sim, pois nunca fui chamada para conversa”. **Prof. 13** “Várias vezes fui solicitada para organizar e elaborar materiais que seriam enviados a coordenadoria de educação. Já presenciei várias vezes eles me elogiando e ‘brigando’ com a chefia maior para que eu permanecesse na escola”. Alertamos do individual e não coletivamente como havíamos recorrido.

Para Mosé (2013, p. 28), entre os séculos XVIII e XIX, a euforia científica, que nasce da “liberdade de pensamento”, revolucionou as relações humanas e sociais. Com o surgimento da sociedade em rede, nascida do conhecimento técnico, século XXI, inicia-se uma nova sociedade. “Antes recebíamos os valores prontos; hoje, com a crise de valores, temos de aprender a cria-los” (MOSÉ, 2013, p. 31).

Verificamos que a escrita do **Prof. 08**, está refletida na escrita de Mosé (2013), acima citada. A crise de valores afeta o gestor e ele se debruça em dar conta de demandas externas de um sistema capitalista, que sem perceber, por estar assoberbado de tarefas, não faz este “raio X”, de sua função anterior com a dos novos tempos, deixando a desejar aos seus profes-

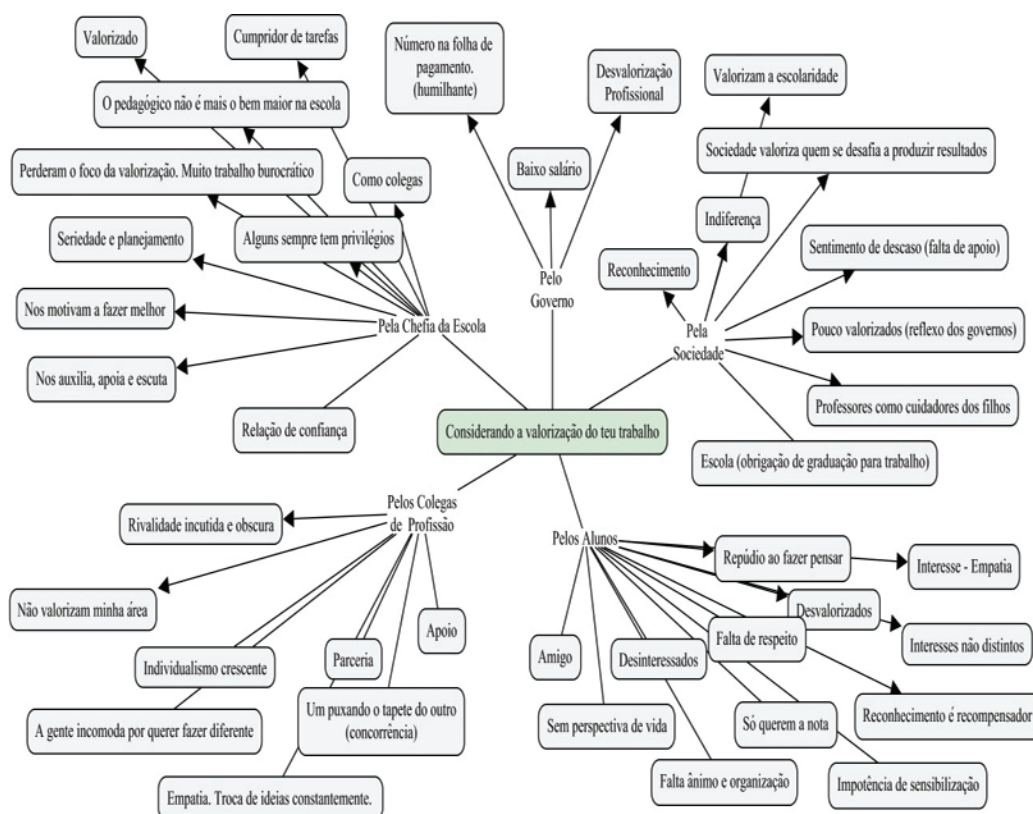
sores/colaboradores. Escreve o **Prof. 01** “Algumas vezes. Em reuniões falam sobre trabalhos que viram pelos corredores”. Percebemos que as políticas de currículo cobradas aos gestores, se torna uma demanda tão grande que o gestor nem sempre consegue acompanhar o pedagógico, bem expresso pela escrita do **Prof. 03**.

A ambiência escolar em resumo

Floresce neste contexto, para Pimenta (2009, p. 16), que um dos pontos, “refere-se a discussão sobre a identidade profissional do professor”, aportando-se ao contexto dos saberes que são esculpidos na docência. E, vai assumindo algumas como pertencças, outras vai negando, vai negociando e assim constituindo sua identidade como professor.

A partir desta coleta e desta análise, trabalhamos na busca em reagrupar as categorias emergentes (Quadro 1). Atentamos em deixá-las agrupadas, visando podermos apreciar e comparar de forma mais precisa. Pontuamos como sendo aceitável e verdadeiro, neste processo de contabilização das múltiplas vozes emergentes no texto que analisamos. Deixamos expresso que as considerações, na reconstrução do texto em análise, se justificaram a partir da desconstrução das escritas.

Quadro 1. Valorização do trabalho



Fonte: Elaborado pela autoria (2020).

Ao reorganizar as escritas (Quadro 1), a partir das categorias emergentes, verificamos que as respostas de vários professores se encontram. Percebemos que frente ao governo, a insatisfação salarial e exigências de excesso de funções são gritantes, estamos vivenciando um novo modelo de ensino. Sistema que considera o trabalho, conforme escreve o **Prof. 12**, “pouco valorizado e a remuneração é humilhante”. Além disso, “investimento foi muito alto para nenhuma recompensa”, **Prof. 13**.

Perante o sentimento em relação à sociedade, verificamos o quanto sentem-se des-

prezados. Na escrita do **Prof. 05**:

“Aquele status que o professor tinha quando eu entrei no magistério, sinto que não temos mais. A sociedade não apoia os professores. Sinto isso quando fizemos algum tipo de mobilização para reivindicar direitos nossos e melhorias para os alunos, a sociedade fica fazendo piadinhas, menosprezando, até dizem que os professores fazem mobilizações porque não querem trabalhar. Affff! Que decepção”!

Percebemos que entre os pares de profissão, existe pouca troca e reconhecimento, devido o sistema exigir professor por área, de certa forma, concorrem entre eles o emprego. Ao referir-se “um querendo puxar o tapete do outro. Cada qual quer se sair melhor que o outro”, pelo **Prof. 05**, deixando claro a competitividade profissional. Já o **Prof. 08** se manifesta existir “uma rivalidade incutida e obscura”. Pontuamos também quando o **Prof. 13** escreve frente a chefia, “já presenciei várias vezes eles me elogiando e ‘brigando’ com a chefia maior para que eu permanecesse na escola”, enaltecendo a disputa citada por vários sujeitos.

Quanto aos alunos, as escritas foram claras de quanto se precisa avançar. Alunos em um momento da história e da escola, ambientes escolares atrasados frente à tecnologia e disputa social. Todas as escritas levam a este patamar. Fica claro o quanto se precisa avançar na educação, tendo início, nos próprios ambientes escolares, na comunidade e no próprio professor em desafiar-se para a inovação tecnológica e tornar suas aulas desejadas e pertencentes aos valores novos que chegam com toda a carga tecnológica.

Ao desdobrar as respostas quanto a chefia, consideramos ser o âmbito social mais relevante nas respostas. Ainda recebem da gestão, um reconhecimento, uma empatia e um motivo para desafiar-se e ir além do que se vivencia, escrito pelo **Prof. 12**, da “seriedade e planejamento”. Mas, em algumas instituições a manifestação foi diferente, como escreve o **Prof. 08**, “alguns sempre tem privilégios [...], não olha o pedagógico como o bem mais precioso da escola”.

Trazendo a pesquisa neste entorno, em meados do século XIX, com esforços de implantação do ensino normal, segundo Nóvoa (1999, p. 19), surge o aparecimento de um “novo” movimento associativo docente, que corresponde a uma tomada de consciência dos seus interesses como grupo profissional.

A escolha do modelo associativo mais adequado aos professores, foi objeto de longas controvérsias, bem como as suas filiações políticas e ideológicas. Mas as práticas pautaram-se quase sempre por três eixos reivindicativos: *melhoria do estatuto, controlo da profissão e definição de uma carreira*. O prestígio dos professores no início do século XX é indissociável da ação levada a cabo pelas suas associações, que acrescentam à *unidade extrínseca* do corpo docente, imposta pelo Estado, uma *unidade intrínseca*, construída com base em interesses comuns e na consolidação de um espírito de corpo (NÓVOA, 1999, p. 19).

Para tanto, a profissão docente, no princípio do século XX, segundo Nóvoa (1999, p. 19), acontece de forma coletiva, mas que apresenta situações obscuras impostas pelo Estado, que permanece subentendido. Outro processo de formalização se apropria de um conjunto de normas e valores, tendo como protagonistas os professores, sendo acometidos de um importante poder simbólico. Segundo o autor, “A escola e a instrução incarnam o progresso: os professores são os seus agentes”, representando na figura do professor, um importante poder simbólico.

Para Dubar (2009), a identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma identificação contingente. Podemos verificar que a identidade do pro-

fessor é a forma que expressa o mundo interno dele e na convivência com os outros. As identidades das Instituições escolares: os gestores, os professores, os alunos, os pais... fazem atribuições a ele, de como ele deve ser, como deve agir e do que irá categorizá-lo como professor.

Para Pimenta (2009), a afirmação profissional dos docentes é um caminho repleto de lutas e de conflitos, pois está ligada a inúmeros setores da sociedade que muitas vezes se sentem ameaçados em seus projetos e interesses, mas a sua história continua, muitas vezes contraditória e enfraquecida, como têm se apresentado nas últimas décadas. Na compreensão contemporânea, percebemos uma visão de múltiplas aparências com vários atributos, mostrando que as questões sociais não são nada simples e que tudo isso reflete na educação e no ensino, contribuindo para vários enfrentamentos nos bancos escolares e na vida da pessoa do professor.

Para Morin (2015, p. 68), “a crise da educação deve ser concebida em sua própria complexidade, que, por sua vez, remete à crise da complexidade social e humana”. Ele justifica esse posicionamento pelo fato de que o ponto principal desta crise educacional está no ensino, pois estão sendo formados adultos incapazes de enfrentar suas vivências, erros, ilusões, incertezas e compreender o outro na sua dimensão humana. O autor defende que é preciso saber viver. “Não alcançaremos isto sem uma mudança profunda que reinvente a educação, possibilitando identificar soluções aos problemas fundamentais” (MORIN, 2016, p. 4).

O Sistema Educacional Brasileiro, necessita ter novos programas, com olhar inovador e participativo. Deste apontamento é que se oportuniza novas regras, novos rumos frente as políticas de currículo, pois se considera a LDB (BRASIL, 1996) como espelho para todas as instituições escolares e, a partir desta, a BNCC (BRASIL, 2018) e o Referencial Curricular Gaúcho (BRASIL, 2018) são aprovados no Rio Grande do Sul, oportunizando uma nova forma de direcionamento de metodologia na educação. Perguntamos: Seria este processo de mudanças o gerador do estresse emocional citado por vários professores em suas escritas? Outras, subseqüente aportaram as colocações descritas, sendo considerada a gestão boa, podendo discutir o parágrafo seguinte.

Ao analisar a competência, temos que verificar duas óticas: uma de ordem profissional e outra epistêmica. Segundo Ramos (2003, p. 97), no âmbito profissional, “reportamos a uma atitude social”; enquanto que no âmbito epistemológico, “competência implica a apropriação do conhecimento, mediante a articulação do pensamento com saberes formais e práticos, que estruturam fenômenos e ações, em um processo mediado por relações sociais”. Representa, portanto, duas dimensões, uma subjetiva e outra objetiva, aceitando uma totalidade.

Entendemos que colocar-se frente ao conceito de competência citado acima, compreender da importância de o gestor ter presente, esta competência profissional de saber determinar e diferenciar, respeitando sua equipe, voltar-se a subjetividade e objetividade das ações desenvolvidas e presenciadas pela Equipe da escola. Criticamente, positivamente, este grupo de professores, ressalta da competência do gestor em administrar os diferentes setores na escola, somando como determinante positivo, quando dar-se-á conta destas funções e consegue transferir aos seus, apoiando-os em seus trabalhos e funções, surgem excelentes resultados.

Cabe aqui ressaltar da importância de se voltar a identidade da “Profissão Professor”. Nas escritas analisadas, constatamos que a maioria, se reporta no privativo, especificando a desconsideração e desvalorização entre a própria categoria. Isso reforça a escrita dos autores cujos textos foram selecionados para a presente discussão e citados anteriormente, bem como dos professores participantes da pesquisa. Este “Raio X”, aponta positivamente o quanto a identidade do professor está abalada, inclusive na particularidade dos seus pares.

Considerações Finais

Para Pinheiro (2014), de acordo com uma pesquisa realizada, em 2012, pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS) com 3.166 professores da rede estadual de ensino do Estado, cerca de 50% dos sujeitos pode apresentar algum tipo de doença emocional e mais de 70% afirma que convive com preocupações, nervosismo e tensão. Este indicativo nos alertou em referenciar determinantes envolvidos diretamente nos resultados diários dos

profissionais de educação. Surgindo destas reflexões, buscar dados na fonte; fonte esta, ser o próprio professor, o qual faz parte da região noroeste, pertencente ao RS. Buscamos analisar os cinco pontos, considerados componentes do que denominamos ambiência escolar. Ao analisar as respostas, emergiram conceitos significativos para elucidar o sentimento de valorização docente neste momento da história da educação.

Notamos um sentimento de valorização muito mais relacionado a chefia e aos colegas/pares. Pelos alunos e pela sociedade essa valorização é sentida em parte. Enquanto que, frente ao governo, foi gritante o sentimento de não valorização. Em fim, consideramos que os conceitos emergentes surgidos nestas escritas, condizem com o quadro do magistério público estadual da região noroeste do Rio Grande do Sul. Concordamos que estamos em um momento da história não tão fácil de ser direcionado por vários fatores sociais. Precisamos nos reinventar e resistir. Novos tempos e novas exigências exigem novas práticas pedagógicas e novas metodologias.

Somente teremos êxito no quesito da valorização do profissional da educação quando compreendermos que somos um ser humano cercado de sentimentos/emoções de valores e não tão somente conteúdos, quando desenvolvermos realmente a empatia, a resiliência, a partilha. Direitos iguais entre seus pares e cada um buscando abrir-se para aceitar a nova identidade que se exige neste momento da história educacional, no qual o governo, a sociedade, os alunos, os docentes e a chefia, precisam trabalhar com reconhecimento e valor profissional, somente assim é que vamos poder avançar na educação do RS.

Referências

BRASIL Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1996.

_____. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Básica. Brasília: MEC/Secretaria de Educação, 2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/bncc-base-nacional-comum-curricular/>. Último acesso em: 07 out. 2018.

_____. **Referencial curricular gaúcho.** 2018. Disponível em: <http://curriculo.educacao.rs.gov.br/Sobre/Index>. Último acesso em: 24 jul. 2019.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino. **Psico**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 495-502, out./dez. 2010.

COSTA, Joacir Marques da. **Formação de sistema educacional:** montanha-russa discursiva, fuga de sentidos. 2016. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Porto Alegre, 2016.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades:** a interpretação de uma mutação. São Paulo: EdUSP, 2009.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António. **Profissão Professor.** Porto: Porto Editora, 1999, p. 93-124.

ESTEVE, José Manuel. **La tercera revolución educativa:** la educación en la sociedad del conocimiento. Barcelona: Paidós, 2003.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida; et al. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref". **Revista de Saúde Pública.** v. 34, n. 2, p. 178-183, 2000. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/qualidep/images/whoqol-bref/artigos/2000-WHOQOL-bref-Brasil.pdf>. Acesso: 19 maio 2019.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MACÊDO, Delza Pereira de Souza. **O Trabalho Docente no Ensino Superior: a relação entre indisciplina e o sofrimento psíquico**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **Reinventar a Educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. Porto Alegre: Pa las Athena, 2016.

MOSÉ, Viviane. O valor e o poder do saber. In: _____. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NÓVOA, António (Org.). O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999, p. 13-34.

PÉREZ GÓMES, Ángel Ignacio. A era digital: novos desafios educacionais. In: _____. **Educação na era digital: a escola educativa**. Tradução: Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo, Cortez, 2009.

PINHEIRO, Jaqueline Marafon. **A interferência das doenças laborais na prática educativa sob a ótica dos professores do Ensino Médio**. 2014. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. É possível uma pedagogia das competências contra-hegemônica? Relações entre pedagogia das competências, construtivismo e neopragmatismo. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1, n. 1, p. 93-114, 2003.

RIBEIRO, Josete Maria Cangussú. **A jornada de trabalho dos professores da escola pública em contexto de políticas de valorização docente e qualidade da educação**. 2014. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TIMM, Jordana Wruck; STOBÄUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mouriño. Psicologia Positiva e bem-estar docente: Estado de Conhecimento. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 228-239, jul./dez. 2014.

TIMM, Jordana Wruck. **O ciclo de vida profissional na docência no *stricto sensu* em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas**. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ZAMBON, Everton. **Estratégias de prevenção ao estresse ocupacional de professores do ensino superior privado**. 2014. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.